

**ACTAS DEL XIII
CONGRESO INTERNACIONAL
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE
LITERATURA MEDIEVAL**

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

**IN MEMORIAM
ALAN DEYERMOND**

II

Editadas por
José Manuel Fradejas Rueda
Déborah Dietrick Smithbauer
Demetrio Martín Sanz
M^a Jesús Díez Garretas



VALLADOLID
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por
Valladolid Artes Gráficas

**A HISTÓRIA DE EREC ENTRE A
FOLIE LANCELOT E A DEMANDA DO SANTO GRAAL:
VÍTIMAS INOCENTES DE CAVALEIROS
VIRTUOSOS, OU UMA VISÃO PESSIMISTA
DA CAVALARIA**

ANA SOFIA LARANJINHA

Universidade do Porto

Instituto de Filosofia

Seminário Medieval de Literatura,

Pensamento e Sociedade

Erec, filho do rei Lac, herói do primeiro romance de Chrétien de Troyes mas ausente no *Lancelot en Prose* e na *Queste* da Vulgata, reaparece na segunda fase do ciclo arturiano em prosa, aquela que Fanni Bogdanow identificou como “Post-Vulgata”¹ e que designarei adiante “ciclo do Pseudo-Boron”, já que é sob a falsa atribuição a Robert de Boron que este particular desenvolvimento do ciclo arturiano toma forma.² Erec, personagem secundaríssima no vasto oceano do romance arturiano em prosa, torna-se assim uma figura importante se focarmos a objectiva sobre a *Folie Lancelot*³ e a

¹ Cf. *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, Manchester/New York, Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966 e *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, ed. Fanni Bogdanow, T. I, II e IV/1, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991.

² Esta designação tem a vantagem de não implicar o pressuposto (a meu ver errado) de que os textos do Pseudo-Boron conhecem o chamado ciclo da Vulgata (nomeadamente, a *Queste* e a *Mort Artu*). Para uma reconstituição do ciclo em que se integra a *Demanda* diferente da de Bogdanow, cf. José Carlos Miranda, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998.

³ *La Folie Lancelot. A Hitherto unidentified portion of the Suite du Merlin contained in MSS. B.N. fr. 112 and 12599*, ed. Fanni Bogdanow, Tübingen, Max Niemeyer, 1965. Sobre o complexo estatuto deste texto, que a meu ver não pode considerar-se uma simples continuação da *Suite du Merlin*, mas pertence a uma fase de construção do ciclo bem mais tardia, muito próxima, já, da redacção da *Queste* do Pseudo-Boron, veja-se Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o*

Queste do Pseudo-Robert de Boron, de que a *Demanda*⁴ portuguesa é o representante mais completo, textos onde o filho de Lac protagoniza dois blocos narrativos de alguma extensão.

As aventuras da *Folie*, em que Erec surge pela primeira vez, e o texto da *Demanda*, onde se narra os trágicos acontecimentos que aí haviam sido anunciados, estão objectivamente ligados por referências redaccionais e pela existência de motivos ou esquemas narrativos comuns. F. Bogdanow, no seu *Romance of the Grail*, mostrou, aliás, que as aventuras do filho do rei Lac partilham com outras passagens da *Demanda*, da *Folie Lancelot* e da *Suite du Merlin* algumas características fundamentais que marcam o ciclo em que se integram estes romances, como a obsessão pela *mescheance* ou o tema do ódio entre linhagens, e provou que, ao contrário do que defendia C. E. Pickford, que conjecturara a existência prévia de um romance de Erec tardiamente integrado na tradição manuscrita do *Tristan en Prose*⁵, a narrativa de que em seguida nos ocuparemos não poderia ter nascido senão no seio desta específica configuração do ciclo arturiano.⁶ Ainda assim, é evidente que não se trata de um texto monolítico, criado de uma só penada: como veremos, da *Folie à Demanda*, diferentes motivações inspiram os dois redactores.

O fio narrativo central, aquele que carrega de cores sombrias o percurso de Erec, é cuidadosamente preparado na *Folie*. Uma donzela revela o paradeiro de Lancelot e o desfecho de um combate recente que o rei Lac travara em troca de

Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Robert de Boron, Porto, 2005, págs. 412ss e 483ss, consultável em [http://web.letas.up.pt/alaranj/Artur Tristão e o Graal.pdf](http://web.letas.up.pt/alaranj/Artur%20Trist%C3%A3o%20e%20o%20Gaal.pdf).

⁴ *A Demanda do Santo Graal*, ed. Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

⁵ Cf. *Erec. Roman arthurien en prose publié d'après le ms. fr. 112 de la Bibliothèque Nationale par Cedric E. Pickford*, 2ème édition revue et corrigée, Paris / Genève, Minard / Droz, 1968. Trata-se, para Pickford, de um romance redigido em dois momentos: a primeira parte, que corresponde à matéria contida no ms. fr. 12599, seria do fim do séc. XIII ou do início do séc. XIV; a segunda parte, que se encontra apenas no ms. fr. 112 e nas Demandas ibéricas, seria anterior a 1313, data da tradução da *Queste* de acordo com Bohigas Balaguer (*Ibidem*, págs. 30-31). Ora, é hoje aceite pela generalidade da comunidade científica que a vinda para Portugal da *Queste* do Pseudo-Boron (contendo já a segunda parte das aventuras de Erec) remonta a meados do séc. XIII. Quanto à hipótese dos dois redactores, não deverá ser condicionada pela constituição dos manuscritos existentes, que são todos relativamente tardios, mas fundar-se numa análise aprofundada do texto, que revele continuidades ou rupturas no que diz respeito às técnicas de escrita.

⁶ Cf. *La Folie Lancelot*, págs. XIII-XXVII.

um dom em branco que o próprio Erec tomara a iniciativa de lhe oferecer⁷. Tendo-lhe a donzela pedido uma garantia de que cumpriria o prometido, o cavaleiro faz o juramento solene de nunca mentir, mesmo que para isso tenha de sacrificar a própria vida e o narrador anuncia que essa promessa lhe custará muito caro, pois levá-lo-á a cortar a cabeça da irmã, acrescentando, ainda, que Erec será depois morto por Galvão durante a demanda do Graal.⁸ O carácter excepcional do juramento de Erec é posto em evidência nesta passagem e justificado pelo discurso que a donzela dirige ao cavaleiro: como poderia acreditar nele, que nada provara ainda, se os próprios cavaleiros da Távola Redonda mentiam tantas vezes às donzelas? Manipuladora, sabia como atingir o jovem guerreiro sedento de reconhecimento, que fora já enviado por Mordret de volta à corte com os mais inexperientes dos que tinham partido em busca de Lancelot. Nesse momento, Erec fora o único a não acatar a ordem e a partir sozinho, o que seria encarado na corte como um sinal de temeridade⁹. Erec é portanto, neste momento, um cavaleiro recentemente armado por Artur, que ainda não pertence à Távola Redonda e ainda não goza da nomeada dos seus membros, um cavaleiro ansioso de provar o seu valor, o que explica, em parte, a imprudência do juramento. Depois deste episódio, viverá muitas aventuras, conquistando a tão ansiada imagem de excelência.¹⁰

Na *Queste* atribuída a Robert de Boron, esta personagem regressa à boca de cena para protagonizar a trágica história que a *Folie* anunciara.¹¹ Cavalgando na companhia de Meraugis, Erec é abordado pela donzela que lhe pedira o dom em branco e que os guia até ao castelo do rei Lac onde este fora morto. A donzela pede ao cavaleiro a cabeça de uma outra donzela que se encontra no castelo, e que ele se vê forçado a prometer-lhe para honrar o seu juramento de nunca mentir. Segue-se a história de Lac, história de traições que faz prever os

⁷ “Je vous creant que après ce que vous m’avrés assené de ces .ii. choses, vous ne me requerrés de chose que je ne face, se ma mort y devoit gesir.” (*La Folie Lancelot*, pág. 52)

⁸ *La Folie Lancelot*, pág. 53. No ms. 112, o narrador anuncia simplesmente que, por causa deste juramento, o herói cortará a cabeça da irmã e que mais tarde será morto por Galvão durante a demanda do Graal. O ms. 12599 acrescenta (entre parênteses rectos no corpo da edição de Bogdanow) as circunstâncias detalhadas da morte de Erec, que apenas poderiam ser conhecidas por quem já tivesse lido a *Queste* do Pseudo-Boron. Por razões que não podemos aqui expor por falta de espaço, defendemos já que a *Folie* é ligeiramente anterior àquele texto (cf. nota 3). Este caso não é, a meu ver, suficiente para infirmar esta conclusão, já que a passagem exclusiva do ms. 12599 parece uma interpolação: o narrador referira-se já genericamente à morte de Erec por Galvão e concluíra com uma observação sobre a infelicidade do cavaleiro, para voltar em seguida ao assunto anterior, fornecendo as circunstâncias detalhadas da morte do filho de Lac.

⁹ Cf. *La Folie Lancelot*, págs. 23-24.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, pág. 89.

¹¹ Cf. *Demanda*, caps. 281-356, págs. 224-266.

trágicos destinos de seus filhos. Depois da partida de Erec para a corte de Artur, três sobrinhos de Lac haviam-no assassinado e aprisionado a sua filha, pois sabiam que Erec voltaria para libertar a irmã: queriam atraí-lo para o matarem e para se apropriarem do domínio de seu pai. Com efeito, Erec e Meraugis entram no castelo de Lac, matam os assassinos e os seus homens e libertam a irmã de Erec, mas de noite, num sonho premonitório, este mata um cordeiro cumprindo as ordens de uma loba e é depois despedaçado e comido por um lobo. Para quem conhecia o anúncio da *Folie*, o sentido do sonho é transparente e reforça o carácter trágico do percurso do cavaleiro. No dia seguinte, a donzela que o guiara até ao castelo exige a Erec o dom que ele lhe prometera: quer a cabeça da sua irmã. Erec, embora desesperado e apesar das súplicas da vítima, acaba por matá-la para não faltar ao prometido. A donzela parte com a cabeça da infeliz, mas é fulminada por um raio que poupa apenas os restos mortais da sacrificada. Erec, torturado pelos remorsos, retoma a busca do Graal. Alguns dias mais tarde, fica imobilizado e mudo junto de uma bela fonte onde uma virgem fora atacada pelo irmão incestuoso: de acordo com a vontade expressa da vítima, todos os cavaleiros pecadores sofreriam este encantamento, que vem sublinhar a culpa de Erec, tanto mais que, no caso do filho do rei Lac como no de Nabor, o jovem incestuoso, as donzelas (belas e virtuosas) são as vítimas inocentes de seus irmãos. Ainda assim, a velha senhora que, revelando os seus dons sobrenaturais, relata às suas jovens companheiras a história de Erec e o salva da influência nefasta da fonte apresenta-o como um dos melhores e mais virtuosos cavaleiros que ela conhece,¹² opinião partilhada por vários cavaleiros excelentes como Meraugis¹³ e Estor¹⁴ e por toda a corte de Artur.¹⁵ Nessa noite, Erec chora e reza pois sabe que vai morrer em breve por causa do seu pecado.

A aventura da fonte vem narrativizar a ambivalência de Erec e o carácter paradoxal dos seus actos: um cavaleiro excelente e virtuoso cometeu um crime horrendo. Ora, este paradoxo atravessa todo o ciclo do Pseudo-Boron, desde a *Suite du Merlin*, com os crimes de Balaain, o melhor cavaleiro do mundo do seu

¹² “[...] melhor cavaleiro ca ele nem melhor homem nom vi eu, peça há.” (*Demanda*, cap. 332, pág. 253).

¹³ Veja-se o hiperbólico louvor que ele lhe dedica (*Demanda*, cap. 306, pág. 239) e o respeito que lhe merece desde o primeiro momento (*Ibidem*, cap. 276, pág. 222).

¹⁴ Cf. cap. 349, pág. 262.

¹⁵ Cf. *Demanda*, cap. 356, pág. 266. A opinião da velha senhora que sabe como retirá-lo da influência da fonte e prevê a sua morte próxima parece-nos ainda mais importante para estabelecer a excelência moral do cavaleiro, por duas ordens de razões: pela sua condição de “parte não interessada”, exterior à rede de solidariedades em que ele se integra e mesmo, de certa forma, representante do mundo feminino que Erec ofendeu, e também pelo saber superior que exhibe.

tempo, que no entanto, ao desferir o Golpe Doloroso, provoca a ruína de três reinos, passando pela *Folie*, que põe em cena o homicídio da rainha de Orcanie pelo melhor dos seus filhos, Gaheriet. A *mescheance* ou *maa andança*, que Bogdanow identificou como um tema central deste ciclo, persegue os três cavaleiros, mas não lhes retira a responsabilidade, que Erec, aliás, nunca rejeita, mostrando-se, pelo contrário, bem ciente da culpa que carrega.¹⁶ Erec cometeu o seu crime em plena consciência e apesar das súplicas da irmã e dos avisos de Meraugis. Abandonado pela Graça divina –cuja protecção invoca quando deseja que um corisco o impeça de matar a donzela¹⁷– não deixa de resolver da pior forma o dilema em que se encontra, como lhe fazem ver Meraugis e a própria donzela que lhe pedira o dom.¹⁸

O diálogo intertextual com o nível primitivo da *Demanda* reforça, aliás, a culpa de Erec, já que o respeito escrupuloso pela palavra dada o afasta de Galaaz, que perante uma situação semelhante não se deixara prender a uma promessa em aberto. Quando, no início do seu percurso, o cavaleiro suicida lhe pedira um dom em branco, o Bom Cavaleiro respondera-lhe: “eu vos dou o que me pedistes, se cousa é que possa dar ou deva”¹⁹ e à sugestão de que lhe talhasse a cabeça, retorquira horrorizado que só matava “em defendendo meu corpo ou meu Senhor”.²⁰ Ao contrário do que acontece em tantas outras ocasiões no romance arturiano, Galaaz não cai na armadilha do dom em branco, não se deixa prender pela palavra, como antes dele o rei Artur, por exemplo²¹.

¹⁶ F. Bogdanow defende que, nestes textos, “One after another is fated to perish through mischance after bringing misfortune to others [...] not because they are deserving of punishment, but because they are the chosen victims of destiny” (*The Romance of the Grail*, pág. 216). Rosalba Lendo, que reflecte sobre a história de Balaain e a forma como Malory, retomando-a, tenta branquear a personagem, mostra que, na *Suite*, é a insensibilidade do cavaleiro que o leva a ignorar todos os avisos das consequências nefastas dos seus gestos. A parte de *mescheance* no seu destino é, portanto, menor do que o que a própria personagem quer fazer crer nos seus lamentos. Cf. Rosalba Lendo, “Le récit de Balaain dans la *Suite du Merlin* et dans ses adaptations, espagnole, le *Baladro del sabio Merlin*, et anglaise, *The Tale of king Arthur*, de Malory”, *22ème Congrès de la Société Internationale Arthurienne, Rennes, 2008: actes réunis et publiés en ligne* par Denis Hüe, Anne Delamaire et Christine Ferlampin-Acher, <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/pdf/lendo.pdf> (consultado em 20/10/2009), 15 juillet, session L 144-2, *Varia*.

¹⁷ Cf. *Demanda*, cap. 296, p. 234.

¹⁸ Segundo a donzela má, ele é “aleivoso cavaleiro” (*Ibidem*, cap. 296, pág. 234). Meraugis sublinha a responsabilidade de Erec: “Todo esto foi per vós...” (*Ibidem*, cap. 298, pág. 235).

¹⁹ *Demanda*, cap. 45, pág. 49.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Trata-se de um tema inaugural do romance arturiano: é com o problema da palavra imprudentemente dada que abre o primeiro romance de Chrétien de Troyes, *Erec et Enide*. Artur decide ordenar a caça ao cervo branco e Gauvain, que representa aqui a cortesia, lembra-lhe a

Esta atitude foi já interpretada, a meu ver correctamente, como mais uma prova de que Galaaz representa uma nova ética cavaleiresca, livre de condicionantes que radicavam na sobrevalorização da honra²², alimentando o ódio, a violência e a morte.

Mas a aproximação das atitudes contrárias das duas personagens pode também lançar a luz sobre a mundivisão arcaica subjacente à atitude de Erec. Ao matar a irmã para respeitar o dom em branco, Erec escolhe o respeito ritualista pela palavra dada em detrimento da convicção interior do que seria eticamente correcto, como os heróis das narrativas célticas, presos à força mágica de certos *geasa*²³ ou como os que defendem o costume (cuja autoridade reside na antiguidade e cuja memória se transmite, oralmente, de geração em geração)²⁴. Na verdade, em todos os casos, o que parece estar em causa é a sacralidade da palavra que não pode ser quebrada, como se daí pudesse advir uma catástrofe mais grave do que a danação individual. E Erec, apesar de jovem, é talvez, de todos os cavaleiros do nível tristaniano da *Demanda*, aquele que melhor representa o passado, não só porque a sua desdita só é comparável à de Balaain, o cavaleiro *mescheant* da *Suite*, o romance que narra as primeiras aventuras do rei Artur, mas também porque as origens da sua linhagem remetem para os tempos antigos por via do seu avô paterno, um simples cavaleiro grego que alcançara a dignidade régia graças à sua proeza. Na *Demanda*, os nomes de ressonâncias gregas ou latinas estão quase sempre associados a origens obscuras e marcadas pelo pecado²⁵; no caso de Erec, a produtividade desta aproximação é

conflitualidade que a observação deste costume pode trazer, já que aquele que caçar o cervo branco deverá beijar aquela que ele considerar a donzela mais bela da corte. Artur, embora apercebendo-se das consequências da sua decisão, sabe que não pode voltar atrás “Car ne doit estre contredite / Parole puis que rois l’a dite.” (Chrétien de Troyes, *Les Romans de Chrétien de Troyes édités d’après la copie de Guiot (Bibl. nat., fr. 794)*. I. *Erec et Enide*, publié par Mario Roques, Paris, Champion, 1990, vv. 60-61).

²² Cf. José Carlos Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 1998, págs. 24-43.

²³ Sobre a relação da *géis* e do dom em branco, cf. Frappier, “Le motif du “don contraignant” dans la littérature du moyen-âge”, *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 8:2, 1969, págs. 7-46.

²⁴ Para Beaumanoir, o costume existe quando é “maintenue de si lonc tans comme il puet souvenir à homme sans débat.” Cf. Paul Ourliac, “Coutume et mémoire: les coutumes françaises au XIIIème siècle”, *Jeux de Mémoire. Aspects de la mnémotechnie médiévale*, publié par Bruno Roy et Paul Zumthor, Québec, 1985, págs. 111-122.

²⁵ É o caso, por exemplo, do rei Brutos, cuja filha se suicida quando se apercebe de que o seu desejo por Galaaz não poderá ser satisfeito (cf. caps. 107-120, págs. 89-97) e do rei Hipomenes, cuja filha se apaixona pelo próprio irmão e dá à luz a Besta Ladrador, fruto de uma relação com o Demónio (cf. cap. 610, pág. 446).

confirmada pelos crimes de seus primos, que matam o tio Lac para se apoderarem dos seus bens e não hesitam em aprisionar a prima, e até pelo nome do avô grego (que aliás morrera envenenado), Tanam (quase *Thanatos*), tão próximo do de outra personagem da *Demanda*, Tanas, o avô homicida e incestuoso de Artur o Pequeno²⁶. Mais um indício de que os cavaleiros perseguidos pela *maa andança* estão já, desde sempre, de alguma forma Marcados pelo culpa. Mais um indício, também, de que esta segunda parte da história de Erec não poderia ter existido anteriormente à redacção da *Demanda* mas foi o resultado do trabalho do seu redactor tristaniano, autor da narrativa encaixada da Fonte da Virgem (onde Erec ficara imobilizado), narrativa que remete para um passado simbólico em que grassavam os pecados mais graves.

É ainda esta particular relação com o tempo que pode aproximar a morte da irmã de Erec da morte de uma importante personagem da primeira fase de redacção da *Demanda*, vítima, também ela, de uma prática que remete para o passado do paganismo e da feitiçaria. Refiro-me à irmã de Persival, que morre ao cumprir o “costume”²⁷ de um castelo onde se exigia o sangue de todas as donzelas virgens e filhas de rei para curar a senhora, que sofria de lepra. Apesar do sentido inequivocamente positivo do sacrifício desta personagem na economia geral da obra, as circunstâncias particulares da sua morte causam um inevitável mal-estar nos cavaleiros que a acompanham, os eleitos Galaaz, Persival e Boorz, que apesar da sua rejeição daquela prática mágica, não defendem a donzela até ao fim, abandonando-a à sua sorte. A passividade dos três eleitos teria certamente provocado, no redactor tristaniano, alguma perplexidade. Sem nunca criticar abertamente este momento menos feliz do percurso dos heróis do Graal, o nosso redactor quis talvez expressar a sua incomodidade através da duplicação das irmãs inocentes, vítimas que seus irmãos se abstiveram de proteger. Há aliás dois pormenores, na narrativa do nível tristaniano, que remetem simbolicamente para a inocência da irmã de Erec e que a aproximam da donzela do nível primitivo. Recorde-se que o sonho que anunciava a Erec a morte de sua irmã a apresentava sob os traços de um cordeiro; que outro animal poderia simbolizar melhor a própria irmã de Persival, que assume na *Demanda* o aspecto sacrificial da figuração de Cristo,

²⁶ Cf. *Demanda*, caps. 361-362, págs. 270-271.

²⁷ Como afirma Philippe Ménard, o termo “costume” pode assumir, no romance arturiano, três significados diferentes, mas próximos: “hábito, uso”; “regra estabelecida pelo uso, com valor jurídico”; “taxa, portagem”. (“Réflexions sur les coutumes dans les romans arthuriens”, *Por la soie amistié: essays in honor of Norris J. Lacy*, ed. Keith Busby e Catherine M. Jones, Amsterdam/Atlanta, Rodopi, 2000, págs. 356-357) Neste episódio, o sentido do termo é o terceiro, visto que o sangue é exigido a todas as donzelas que passam pelo castelo e cumprem os requisitos mencionados, mas o segundo significado não deixa de lhe estar também subjacente.

de que Galaaz é a face triunfante²⁸? Por outro lado, a punição divina que cai, sob a forma de um raio, sobre a donzela que pedira a morte da filha de Lac, poupando apenas a cabeça da vítima, retoma um esquema presente na narrativa do nível primitivo: depois da morte da irmã de Persival, o castelo da dona leprosa fora destruído por uma súbita tempestade que apenas deixara incólume o cemitério onde se encontravam sepultadas as donzelas anteriormente sacrificadas.²⁹ Assim, pondo em paralelo as duas irmãs inocentes e vítimas, o redactor tristaniano chama a atenção para o problema ético que constitui, para os três eleitos, o sacrifício da irmã de Persival. Num processo semelhante – isto é, sem recorrer a comentários do narrador, mas usando de forma subtil o paralelismo de personagens e situações – e com o mesmo objectivo de sublinhar a culpa do protagonista masculino, o redactor introduzira na narrativa protagonizada por Erec a história da virgem bela e virtuosa vítima de seu irmão.

Nas duas narrativas do nível tristaniano que acabamos de referir, o redactor toma o partido das donzelas inocentes contra os seus irmãos violentos ou pusilânimes, incapazes de resolver da melhor forma os dilemas em que a sua condição de cavaleiros os coloca. Quase poderíamos dizer que este redactor assume uma perspectiva feminista – ou pelo menos feminina –, convictamente anti-violenta e defensora dos direitos dos mais fracos, mesmo quando confrontados com grandes desígnios como a busca do Graal. Porém, se alargarmos um pouco o escopo deste trabalho de modo a abranger o conjunto do nível tristaniano da *Demanda*, essa hipótese terá de ser abandonada.

Há uma outra narrativa neste romance que, como já mostrei noutra sede, partilha inúmeros traços com a história da Fonte da Virgem, invertendo sistematicamente a polaridade (positiva ou negativa) dos géneros. Trata-se da história da concepção da Besta Ladrador³⁰, em que uma donzela tenta seduzir o belo e virtuoso irmão que a repudia. Por despeito, ela acusa-o de tentativa de violação e o donzel é condenado pelo próprio pai a ser devorado pelos cães. Em ambas as narrativas, que se desenrolam maioritariamente junto de uma fonte, na floresta, há um desejo incestuoso que não chega a ser satisfeito, o que motiva um pacto com o demónio; em ambos os casos, o conflito entre os irmãos, de sangue real, é relatado ao rei pelas donzelas; em ambos os textos, as personagens positivas anunciam um fenómeno sobrenatural que provará a sua inocência, castigando os pecadores: o já referido poder imobilizador da Fonte da Virgem, que só poupará os cavaleiros inocentes, e o nascimento da Besta

²⁸ Cf. José Carlos Miranda, *Galaaz*, págs. 84-88.

²⁹ Cf. *Demanda*, cap. 610-615, págs. 446-450.

³⁰ *Demanda*, caps. 610ss.

Ladrador, o monstro que transporta no ventre cães que ladram, fruto da relação da donzela pecadora com o demónio e rememoração do martírio do virtuoso donzel.

Não retomarei aqui o elenco pormenorizado de todos os elementos paralelos ou simetricamente inversos das duas narrativas, mas apenas o comentário que me suscitaram:

O que torna o paralelismo entre estas duas passagens particularmente significativo é que [...] ao contrário do que acontece habitualmente com a variação de um dado modelo, em que um eixo (que poderíamos chamar paradigmático) se mantém inalterado, enquanto as inovações incidem apenas sobre o seu desenvolvimento (o eixo sintagmático), neste caso o próprio núcleo de sentido é atingido. Parece-nos, com efeito, que o eixo paradigmático é alterado quando a donzela virtuosa e sábia é substituída por uma donzela viciosa e sábia [...]: o paralelismo não deixa de atingir fortemente a primeira das donzelas, como se viesse denunciar as ténues fronteiras entre o Bem e o Mal. Até o facto de (uma) donzela ser vítima de uma real tentativa de violação, enquanto a outra finge ter sido submetida a idêntica agressão, aproxima a vítima inocente da cruel trapaceira.³¹

Não pude, nos breves minutos que me cabem, analisar o segundo fio narrativo que percorre a história de Erec – o que começa na *Folie* como um conflito latente com Galvão e acaba, na *Demanda*, com a morte do filho de Lac às mãos do sobrinho de Artur. Creio, ainda assim, poder afirmar desde já que a construção da história de Erec revela toda a riqueza e complexidade do Pseudo-Boron – entidade que, como vimos, engloba vários autores unidos numa estratégia comum, embora com motivações e estilos diferentes. A *Folie*, que assume a herança da *Suite du Merlin* na sua visão pessimista da ética cavaleiresca como fonte de dilemas insanáveis, anuncia a história do cavaleiro excelente que mata a própria irmã; o redactor tristaniano da *Demanda*, por sua vez, não se limita a desenvolver a proposta do seu predecessor, mas constrói, para a nova narrativa, uma rede de correspondências que reforçam a unidade do romance e do ciclo, lançando ainda um olhar crítico sobre o percurso dos três eleitos do Graal. O tema da relação problemática irmão-irmã, que une todos os textos que aqui abordei, está muito presente na *Suite*, na *Folie* e na *Demanda*, onde se desenvolve em torno de três grandes eixos – incesto, homicídio e vingança –, estando os dois primeiros representados nas narrativas sobre as quais me debrucei. Em todos os casos, é de fortes paixões que se trata, e de paixões destrutivas, que os profundos laços que unem irmão e irmã tornam particularmente dolorosas. Curiosamente, as narrativas referidas neste trabalho, especialmente se postas em relação entre si, fazem ecoar, como uma potente caixa de ressonância, dois episódios fundamentais da juventude de Artur tal como é narrada na *Suite du Merlin*, que marcam desde o início negativamente a

³¹ Artur, *Tristão e o Graal*, pág. 145.

sua relação com a suas irmãs: a união incestuosa com a rainha de Orcanie, de que resulta o nascimento de Mordret e, a prazo, a morte de Artur e a destruição do seu reino, por um lado; a tentativa de assassinio do rei de Logres por Morgana, personagem lúbrica e ambiciosa que, paradoxalmente (ou talvez não tanto...) o há-de levar para Avalon na *Mort Artu*. Assim, paralelamente às pulsões abertamente destrutivas do ódio entre linhagens, que opõem duas fratrias (os filhos de Lot e os de Pelinor), a relação irmã-irmã, menos evidente, menos sistemática, abre feridas bem mais profundas, revelando, no seio da concepção arturiana do parentesco, graves falhas que só os pecados íntimos podem sugerir.